

**TURBANTE E IDENTIDADE NEGRA:
SEMIÓTICA DISCURSIVA APLICADA A UM POST DO FACEBOOK**

*Turban and black identity:
discursive semiotics applied to a Facebook post*

*Turbante e identidade negra:
semiótica discursiva em un post de Facebook*

Isaac Matheus Santos Batista¹

¹ Mestre em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Bacharel em Design pela Universidade Federal de Pernambuco. Durante o mestrado, foi bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: isaacmsbatista@gmail.com. Link do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6308750349630970>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1879-7500>.

RESUMO

Este artigo objetivou compreender a participação do vestuário na construção da identidade negra/africana na contemporaneidade. Para tal, utilizamos a semiótica discursiva para a análise de um post do Facebook de um perfil de uma mulher brasileira negra. Nele, a usuária foi fotografada com um turbante e falava sobre ele. A análise permitiu compreender que o uso do turbante implica a construção de uma identidade negra/africana em oposição à identidade branca/europeia, numa narrativa em que, no presente, se repete performaticamente uma prática vestimentária considerada originária de uma ancestralidade africana. O uso do turbante apresenta-se, no post, como uma forma de conceder uma valorização eufórica à identidade negra/africana. De modo geral, o discurso constrói um tema de libertação, pois o uso desse adereço é visto como algo eufórico e se manifesta como uma forma de se libertar do padrão de beleza e da visão de mundo eurocêntrica que constroem o turbante como símbolo do outro e que manipula os negros e negras a erradicarem-no do uso cotidiano em prol de uma provável conjunção com a alteridade branca/europeia.

Palavras-chave: Turbante. Identidade negra. Semiótica discursiva.

Abstract

This article aimed to understand the participation of clothing in the construction of black / African identity in contemporary times. To this end, we applied discursive semiotics to a Facebook post of a black woman, in which she wore the turban and talked about it. The analysis allowed us to understand that the use of the turban implies the construction of a black / African identity in opposition to the white / European identity, in a narrative in which, at present, a clothing practice considered to be originated by African ancestry is perpetually repeated. The use of the turban appears, in the post, as a way of granting a euphoric appreciation to the black / African identity. In general, the discourse builds a theme of liberation, since the use of the turban as something euphoric manifests itself as a way to break free from the standard of beauty and the Eurocentric worldview that builds the turban as a symbol of the other and manipulates black people to eradicate it from everyday use in favor of coming into conjunction with white / European otherness.

Keywords: Turban. Black identity. Discursive semiotics.

Resumen

Tuvimos como objetivo comprender la participación de la ropa en la construcción de la identidad negra / africana en la época contemporánea. Aplicamos la semiótica discursiva a una publicación de Facebook de una mujer negra, en la que se puso el turbante y habló de ello. El análisis permitió comprender que el uso del turbante implica la construcción de una identidad negra / africana en oposición a la identidad blanca / europea, en una narrativa en la que, en la actualidad, se encuentra una práctica de vestimenta considerada originaria de la ascendencia africana. perpetuamente repetido. El uso del turbante aparece, en el post, como una forma de otorgar un aprecio eufórico a la identidad negra / africana. El discurso construye un tema de liberación, ya que el uso del turbante como algo eufórico se manifiesta como una forma

de romper con el estándar de belleza y la cosmovisión eurocéntrica que construye el turbante como símbolo del otro y manipula el negro y las negras para erradicarlo del uso cotidiano en favor de la conjunción con la alteridad blanca / europea.

Palabras clave: Turbante. Identidad negra. Semiótica discursiva.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi compreender a participação do vestuário na construção da identidade negra/africana na contemporaneidade. Esse intento foi alvo de uma pesquisa maior de mestrado que deu origem também a esse artigo, o qual permanece dentro do mesmo escopo e objetivo mencionado, porém direcionado a um post do Facebook em particular, feito por uma das participantes da investigação que desenvolvemos para a dissertação de mestrado.

Este artigo é relevante para a moda, pois até hoje a história da moda é reduzida, muitas vezes, às vivências do contexto europeu e norte-americano, à moda feminina de luxo e ao contexto da produção dos produtos de moda – ao invés das situações em que são consumidos no cotidiano os produtos (bens, serviços e comportamentos) que englobam, *grosso modo*, a própria Moda/moda; e essa perspectiva aporta ao trabalho apresentado um diferencial, afastando-o de abordagens-padrão.

2 VESTUÁRIO, COMUNICAÇÃO E IDENTIDADE

De um dado ponto e vista, a “cultura” pode ser conceituada como o conjunto de significados partilhados por uma sociedade, que servem tanto como uma estrutura sobre a qual todas as práticas sociais são construídas, quanto como um meio pelo qual apreendemos o mundo e damos sentido a ele a partir de categorias culturais que utilizamos para distinguir as diferentes coisas do mundo e de princípios culturais que direcionam o modo como categorizamos esses fenômenos e a maneira que os classificamos, ordenamos e decodificamos. (HALL, 1997, 2006).

A partir dessa orientação conceitual, Hall (2006) afirma que a identidade deve ser vista em termos culturais, como uma identidade cultural, pois a cultura é central em todos os fenômenos sociais e participa inclusive da constituição da subjetividade e das identidades dos sujeitos. Por essa perspectiva, portanto, afirma-se que a identidade, nosso eu, não brota de dentro de nós de forma espontânea, como se houvesse sido embutida nos nossos genes ou definida pela vontade divina; mas sim, como afirma Hall (1997, p. 26-27):

A identidade emerge [...] do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeitos construídas para nós por alguns discursos sobre inglesidade [ou qualquer outra identidade cultural] - em resumo, de investirmos nossas emoções em uma ou outra daquelas imagens, para nos identificarmos. O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias, experiências únicas e particularmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente.

Dado o exposto, podemos perceber que a construção das identidades das pessoas ocorre na representação. Na sociedade, existem diversas representações que criam identidades com sentido. Nós nos posicionamos dentro de determinadas identidades, a partir do momento em que nos identificamos com elas e as vivenciamos na nossa própria vida cotidiana, por meio das representações que fazemos de nós mesmos diante do olhar dos outros e do nosso próprio olhar – que também traz o dos outros. (HALL, 1997).

De acordo com Barnard (2003, 2011), o vestuário não é uma linguagem propriamente dita, pois lhe falta uma gramática que consiga determinar, como em qualquer língua, a maneira “certa” de o compor para comunicar algo. Ele é uma “linguagem”, assim entre aspas, pois, apesar de não possuir regras fixas e claras, ele é baseado na relação de significante, significado e código, de modo que determinadas peças ou combinações de roupas e acessórios vão despertar determinados significados para as pessoas, que, então, farão “leituras” do conjunto, atribuindo a ele sentidos.

O significado de um vestuário não está essencialmente ligado a ele; antes, é “um produto dos valores e crenças culturais, e diferentes valores e crenças geram diferentes significados” (BARNARD, 2011, p. 3). O significado depende da interação entre o repertório de significados culturais da pessoa e o artefato com o qual depara.

Uma vez que os significados são construídos também na representação que se faz do vestuário, então este “deve ser considerado como uma das práticas significantes da vida cotidiana, que vai fazer da cultura um sistema geral de significados. A moda-vestuário e a indumentária são, portanto, algumas das maneiras pelas quais a ordem social é experimentada, explorada, comunicada e reproduzida [e construída]” (BARNARD, 2003, p. 63). O vestuário é usado pelas pessoas para

construir o seu eu na representação que fazem de si mesmas, portanto com o auxílio de roupas e acessórios. As escolhas e rejeições estéticas de vestuário sobre o corpo quando em interação com o repertório cultural de alguém que as percebe produzirão significados com os quais a identidade do usuário será “definida”, mesmo que momentaneamente (BARNARD, 2003).

As explicações acima descritas estão diretamente ligadas à próxima seção, na qual discutimos a identidade negra sob um ponto de vista histórico, isso porque, como vimos, a identidade não é imutável, eterna, essencial e nem primordial, mas é uma construção cultural que se transforma ao longo do tempo. Dessa maneira, a história acaba por revelar as formas como as representações da negritude enquanto “qualidade” ou “característica” do que é ser negro foram sendo construídas e moldadas. Esperamos contribuir para o entendimento de como a negritude se relaciona com o consumo de vestuário no cotidiano, através da análise que propomos e que mais à frente descreveremos. Para tanto, partimos da premissa de que o vestuário participa da construção da identidade e, sendo a identidade elaborada dentro de um contexto cultural que é perpetuamente reestruturado pela história, veremos agora um pouco sobre a história do movimento da negritude que constantemente buscou compreender e definir a identidade negra, para depois apresentarmos nossa análise do post em que o turbante aparece sendo vestido por uma mulher negra que o relaciona à sua identidade.

3 BREVE HISTÓRIA SOBRE O MOVIMENTO DA NEGRITUDE E A QUALIDADE DO QUE É SER NEGRO

De acordo com Domingues (2005), o movimento da negritude nasceu nos EUA e depois chegou às Antilhas, à França, a países africanos até que se disseminou no Brasil e em outros países das Américas. De forma geral, o movimento da negritude buscava reestabelecer a dignidade aos negros após o fim da colonização que lhes causou tanta opressão física, psicológica, social, política e cultural. Ele tinha, no início, um caráter principalmente cultural. Acreditava-se que a colonialidade teria causado um esquecimento ou apagamento de partes essenciais de um espírito ou identidade ou modo de existência africana ou negra. Sendo assim, seria necessário resgatar e reapropriar a essência identitária comum a todos os negros africanos e da diáspora, que tanto caracterizaria a própria história da negritude. (MANSFIELD, 2009).

Para Domingues (2005, p. 29), “hoje, negritude é um termo polissêmico. Essa palavra pode significar o se pertencer à raça negra; à própria raça como coletividade; à consciência e à reivindicação do homem negro civilizado; à característica de um estilo artístico ou literário; ao conjunto de valores da civilização africana”. O autor ainda cita a “natureza pequeno-burguesa da negritude” que permeava os discursos do movimento da negritude na França:

No transcurso da colonização, surgiu uma pequena-burguesia negra: camada social de africanos constituída de funcionários da colônia, trabalhadores especializados em diversos ramos da indústria, empregados do comércio, profissionais liberais e um número - ainda que diminuto - de proprietários urbanos e rurais. A elite negra situava-se socialmente entre as massas trabalhadoras africana e a minoria de brancos, representantes da metrópole. Apesar do contato com as massas camponesas e culturas tradicionais africanas, aquela pequena-burguesia negra aspirava ter um nível de vida equivalente ao dos brancos. Para tanto incorporavam os hábitos, roupas, língua e arquitetura do colonizador. As negras em alguns casos alisavam os cabelos e buscavam clarear a pele. (DOMINGUES, 2005, p. 32).

Apesar do esforço em assimilar as práticas culturais dos brancos da elite, os negros ainda permaneciam sendo discriminados e inferiorizados e não conseguiam ser reconhecidos como iguais aos brancos. Dessa forma, eles empreenderam uma resposta a esse preconceito que sofriam, rejeitando o embranquecimento estético, biológico e cultural, e voltando o olhar para aquilo que reconheciam como a verdadeira cultura negra que havia sido tirada deles devido à colonização e ao racismo que os levavam a se embranquecer. Porém, as camadas negras mais pobres ainda exerciam as suas práticas culturais tradicionais, não estavam ávidas por se “embranquecer” e não tinham esse mesmo nível de “consciência” que os negros estudados possuíam, de modo que esse discurso não as abrangia. (DOMINGUES, 2005).

De acordo com Domingues (2005, p. 37), “as ideias do movimento francês da negritude somente chegaram ao Brasil na década de 1940, por meio, sobretudo do Teatro Experimental do Negro (TEN), entidade fundada em 1944 no Rio de Janeiro por Abdias do Nascimento, e voltada inicialmente para desenvolver uma dramaturgia negra no país”. Esse grupo tinha a negritude como uma das bases para a existência do negro e para o ativismo e militância e, com a ajuda dele, a ideologia da negritude se espalhou entre vários ativistas do país.

No Brasil, o movimento da negritude também permeava principalmente o pensamento e atitudes dos negros e negras letrados da elite ou que estavam em

ascensão social, os quais viam nas ideias do movimento um modo de resistir ao embranquecimento estético e cultural.

Domingues (2005) mostra que apesar de ter entrado no Brasil pela elite, a ideia de negritude se espalhou entre diversos grupos sociais, sendo ressignificada:

A partir do final da década de 1970, negritude tornou-se sinônimo do processo mais amplo de tomada de consciência racial do negro brasileiro. No terreno cultural, a negritude se expressava pela valorização dos símbolos culturais de origem negra, destacando-se o samba, a capoeira, os grupos de afoxé. No plano religioso, negritude significava assumir as religiões de matriz africana, sobretudo o candomblé. Na esfera política, negritude se definia pelo engajamento na luta antirracista, organizada pelas centenas de entidades do movimento negro. (DOMINGUES, 2005, p. 39).

Contribuiremos um pouco para pensar a negritude no plano da representação cultural da identidade pelo uso do vestuário ou, em termos semióticos, por meio dos simulacros construídos do sujeito para ele mesmo e para o outro, considerando que eles não são a base para as relações intersubjetivas.

4 MÉTODO

Para a análise do post, tomamos mão da semiótica discursiva (FIORIN, 2013; GREIMAS, COURTÉS, 1979), cujo procedimento prevê relações de análise em três níveis que, em conjunto, formam o percurso gerativo de sentido. Cada um dos níveis e seus respectivos aspectos sintáticos e semânticos serão explicados e aplicados nas próximas subseções, considerando esta uma opção mais didática e que nos serve como um exercício de apropriação da metodologia.

A escolha pela semiótica discursiva se deu pelo fato de que ela se preocupa com os sentidos gerados nas manifestações de linguagens, como no caso de o vestuário participar imbricada e conjuntamente da construção da identidade das pessoas; é da pessoa vestida, então, na interação do corpo com a roupa, que se apreenderá o sentido do discurso desse “texto” multimodal ou sincrético. Esse tipo de procedimento, isto é, a própria escolha de um viés teórico ou metodológico é importante para respaldar o trabalho do analista, minimizando incursões a questões não pertinentes ao objeto analisado.

A semiótica, assim, foi aplicada a um post do Facebook, em que uma mulher negra, Soninha Nascimento, aparecia com o turbante e apresentava uma explicação do porquê a utilização desse item era importante para ela. Esse post fez

parte de uma pesquisa de mestrado mais ampla, como dissemos, e nela realizamos uma observação-participante junto ao perfil de cerca de 60 pessoas autoafirmadas negras – inclusive obtivemos as devidas autorizações para o uso de imagens.

4.1 O POST ESCOLHIDO PARA ANÁLISE

Figura 1 – Post de Soninha Nascimento, em que usa um turbante



Fonte: *Print screen* da tela.

5 NÍVEL FUNDAMENTAL DE ANÁLISE DO POST

Na semântica do nível fundamental, extraem-se do texto categorias semânticas mais profundas e, portanto, mais abstratas, a partir das quais se engendra o sentido, tais categorias são analisadas em suas relações e produção de sentido dentro do que se denomina “quadrado semiótico”. Cada um dos termos contrários recebe uma valoração eufórica ou disfórica, conforme a intencionalidade do texto. (FIORIN, 2013).

A sintaxe engloba as operações de negação e asserção, que ocorrem na sucessividade de um texto: “dada uma categoria tal que *a versus b*, podem aparecer as seguintes relações: (1) afirmação de *a*, negação de *a*, afirmação de *b*; (2) afirmação de *b*; negação de *b*, afirmação de *a*” (FIORIN, 2013, p. 23).

Dito de outro modo, identificamos que as categorias do nível fundamental podem ser discretizadas em /identidade/ e /alteridade/ que são contrários entre si. A negação deles gerou os subcontrários /não alteridade/ e /não identidade/ que estão em contrariedade com os termos que negam. A /identidade/ unida à /alteridade/ conduz à uma hibridização entre os dois termos, construindo sua complexidade. A negação da /alteridade/ conduz à /identidade/ que faz o sujeito chegar ao “eu”; enquanto a negação da /identidade/ direciona-se à /alteridade/ que faz o sujeito ser o “outro”. Quando há uma união dos dois subcontrários, /não alteridade/ e /não identidade/, então o sujeito atinge, por exemplo, uma “crise de identidade” (Figura 2).

Figura 2 – Quadrado semiótico aplicado ao post



Fonte: Elaborado pelo autor.

Vemos que essa publicação apresenta três relações diferentes, a partir das conjecturas sinalizadas. Inicialmente, Soninha expõe a lógica eurocêntrica em torno da identidade negra/africana construída pelo turbante. Para ela, o eurocentrismo vê o turbante como exótico, palavra que designa o que é de fora, que não é próprio, que é do outro. Assim, conforme a autora do post, a cultura eurocêntrica tem como objeto de valor eufórico a /identidade/ (no caso a identidade branca, europeia), e o objeto de valor disfórico é a /alteridade/ (no caso a alteridade negra, africana). Para ela, essa forma de pensar, ao se tornar um padrão, relega o uso dos turbantes às manifestações folclóricas. Os termos da oposição semânticas podem ser denominados também como objetos de valor que, num nível superior, mais concreto, serão figurativizados com mais concretude do que apresentam no nível fundamental

Depois, Soninha apresenta aos seguidores uma visão diferente a esse padrão de beleza eurocêntrico. Para ela, o turbante não simboliza o outro, mas o eu. Nesse caso, o texto indica que o objeto de valor eufórico é a /identidade/ (a identidade negra, africana), e o objeto de valor disfórico é a alteridade (a alteridade branca, europeia).

Mas ainda há de se considerar que o post indica a existência de uma ancestralidade africana anterior, e também apresenta o paradigma estético e cultural eurocêntrico como uma construção e apropriação no tempo e não como uma ação primordial e intrínseca aos negros do passado. Nesse sentido, dá-se a entender que antes da lógica eurocêntrica em torno do turbante ser inventada e se tornar dominante, havia uma outra maneira de ver o mundo, a qual era típica dessa ancestralidade africana que já usava o turbante antes da influência da cultura eurocêntrica. Está implicado que, para essa ancestralidade africana, o objeto de valor eufórico é a /identidade/ (a identidade negra, africana), e o objeto de valor disfórico é a /alteridade/ (a alteridade branca, europeia).

Assim, dada a categoria /identidade/ (termo a) versus /alteridade/ (termo b), o post apresenta a seguinte relação: afirmação da /identidade/, negação da /identidade/, afirmação da /alteridade/ e o inverso, a depender do ponto de vista. Isso ocorre porque, entende-se, pelo post, que havia uma ancestralidade africana que afirmava a identidade negra/africana, mas que nega essa identidade negra/africana, em prol de afirmar uma alteridade branca/europeia. Soninha, então, aparece negando

essa alteridade branca/europeia, e voltando a afirmar uma identidade negra/africana como subtende-se que era feito pelos antepassados da África.

6 NÍVEL NARRATIVO DE ANÁLISE DO POST

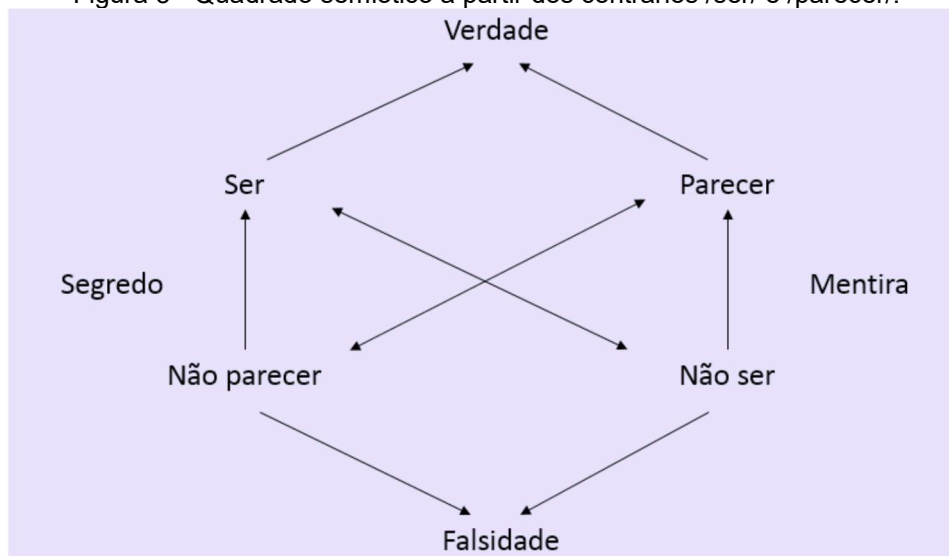
Na sintaxe do nível narrativo, apreende-se o percurso feito pelo sujeito para transformar estados, cuja ação é tratada em termos de narratividade. Nesse nível, recuperam-se etapas da realização ou da performance do sujeito, o antes dele – manipulação e competência – e o depois dela – a sanção. A primeira fase do programa narrativo canônico (FIORIN, 2013) comporta a manipulação, competência, a performance e a sanção.

Na manipulação, um destinador instaura no sujeito da ação um querer ou um dever fazer; ela pode ocorrer de várias formas: tentação, quando se manipula o sujeito a querer fazer algo, oferecendo-lhe um objeto positivo; intimidação, quando se manipula o sujeito a dever fazer algo ao informar que caso ele não faça receberá um objeto negativo; sedução, quando se manipula o sujeito a querer fazer algo, ao construir uma imagem positiva dele; provocação, quando se manipula o sujeito a dever fazer algo, ao construir uma imagem negativa dele. Na fase da competência, o sujeito do fazer é dotado de um poder e/ou um saber fazer para realizar a ação-fim da manipulação que recebeu. Preenchidas as condições anteriores à realização da ação, que é a performance propriamente dita, o sujeito entra em conjunção ou disjunção com um objeto valor específico, cumprindo o previsto na manipulação. Por fim, ele é sancionado, portanto na fase da sanção, onde ocorre um reconhecimento do dever cumprido e, às vezes, o recebimento de uma sanção pragmática pela ação (ou o inverso, quando o sujeito não cumpre o esperado ou quando é sancionado por outros destinadores que não os primeiros).

Os valores do sujeito são caracteristicamente apreendidos e reconhecidos nesta fase, mas também na hora de o destinador manipular o outro. Esse reconhecimento se dá pela construção de simulacros, as imagens construídas que fundam as relações intersubjetivas. Na interpretação dos simulacros, parte da mesma estrutura pela qual se desenvolve a sanção cognitiva, ou seja, pelo quadrado das modalidades veridictórias que se baseiam nas relações entre a imanência (ser) e a

manifestação (parecer), de onde, por sua vez, surgem os efeitos de verdade, mentira, falsidade e segredo.

Figura 3 - Quadrado semiótico a partir dos contrários /ser/ e /parecer/.



Fonte: Barros (1988 apud BALOGH, 2002).

Com relação à semântica do nível narrativo, ela se ocupa, conforme Fiorin (2013, p. 36-37),

dos valores inscritos nos objetos (...). Numa narrativa, aparecem dois tipos de objetos: objetos modais e objetos de valor. Os primeiros são o querer, o dever, o saber e o poder fazer, são aqueles cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal. Os segundos são os objetos com que se entra em conjunção ou disjunção na performance principal.

O autor ainda reitera que o valor do nível narrativo trata exatamente do significado que um objeto concreto possui para o sujeito que com ele entra em conjunção – isso significa que os termos da oposição semântica do nível fundamental são mais concretos no nível narrativo por meio de revestimentos semânticos, num crescendo de sentido. (FIORIN, 2013).

Assim, de acordo com a análise do post, podemos dizer que a ancestralidade negra está em conjunção com o objeto valor /identidade/, concretizado pelo turbante, e que entra em disjunção com ele e depois entra em conjunção com o objeto valor /alteridade/, representado pela ausência do turbante no cotidiano dos negros. Dá-se a entender que Soninha inicia nessa condição de conjunção com o objeto valor /alteridade/, mas entra em disjunção com ele para entrar em conjunção com o objeto valor /identidade/, ao usar o turbante em seu cotidiano. Percebe-se que a legenda sugere que o observador do seu post no Facebook pode estar em conjunção com o objeto valor /alteridade/ e que deveria entrar em disjunção com este

para poder entrar em conjunção com o objeto valor /identidade/, assim, como a autora do post, pois ela manda que o observador “turbante-se”.

Num primeiro momento, o manipulador é a cultura eurocêntrica que, no contexto do post, provoca a ancestralidade africana a entrar em conjunção com o objeto valor /alteridade/ (branca, europeia), pois, para Soninha, o que é /identidade/ para a cultura eurocêntrica é na verdade uma /alteridade/ para ela e demais sujeitos negros, pois o branco/europeu é o outro do negro/africano em seu texto. Essa manipulação feita pela cultura eurocêntrica é uma provocação, pois é baseada na construção de uma imagem negativa da ancestralidade africana, cujo uso do turbante é tido como exótico, como fora dos padrões de beleza de hegemônicos. De certa forma, subtende-se uma tentação, pois, para deixar de ser exótico e se tornar bonito conforme diz o paradigma eurocêntrico, é preciso abandonar o uso do turbante.

Soninha aparece como manipuladora de si mesma. Essa automanipulação se dá pela tentação. No texto, o uso do turbante aparece como uma forma de alcançar um objeto positivo que é a valorização da ancestralidade africana, que é ao mesmo tempo uma valorização de si própria, pois o uso do turbante implica entrar em conjunção com o objeto valor /identidade/ que é igual para a ancestralidade africana e para Soninha. Além disso, a autora da publicação se manipula a entrar em conjunção com a /identidade/, pelo uso do turbante, pois isso lhe possibilita obter a valorização da resistência aos padrões hegemônicos de beleza.

Soninha usa a mesma tentação que aplica na manipulação de si mesma para manipular o observador de seu post a entrar em conjunção com a /identidade/ no uso do turbante, mandando que ele “turbante-se”, em imitação ao seu exemplo.

Para cumprir a performance proposta pela cultura eurocêntrica, a ancestralidade africana e os demais sujeitos negros são dotados de um saber fazer que é a consciência de que é preciso abandonar o uso cotidiano do turbante para, assim, entrar em conjunção com o objeto valor /alteridade/ (branca, europeia).

Para entrar em conjunção com o objeto valor /identidade/ (negra, africana), Soninha precisa de um poder fazer, caracterizado pelo acesso ao turbante. Necessita também de um saber fazer, que pode ser entendido como os entrelaços para as amarrações do turbante sobre a cabeça. Na manipulação que procede sobre o observador, Soninha concede um saber fazer a ele, ao fazê-lo tomar conhecimento, pelo seu próprio exemplo, de que é necessário usar o turbante para entrar em conjunção com a /identidade/ (negra, africana).

Pelo texto, dá-se a entender que a ancestralidade negra estava em conjunção com o objeto valor /identidade/ (identidade negra/africana) e cumpriu o objetivo da manipulação efetuada pela cultura eurocêntrica, ao retirar o uso do turbante do seu cotidiano, entrando, assim, em disjunção com o objeto valor /identidade/ e ficando em conjunção com o objeto valor /alteridade/ (alteridade branca, europeia).

Soninha, que estava em conjunção com o objeto valor /alteridade/ (branca, europeia), cumpre a sua automanipulação, e, ao amarrar o turbante sobre a cabeça, entra em disjunção com o objeto valor /alteridade/ e passa a estar em conjunção com o objeto valor /identidade/.

Ainda não é possível perceber nenhuma performance por parte do observador do post, pois supõe-se que esta será realizada posteriormente, caso eles decidam usar o turbante também, como Soninha lhes manipula que assim o façam.

Após ser manipulada pela cultura eurocêntrica, a ancestralidade africana passa a não usar o turbante que é símbolo de africanidade e negritude; dessa forma, a ancestralidade era africana e negra, mas deixou de parecer ser africana e negra, e assim sua africanidade e negritude foi colocada em “segredo”.

Após executar a performance para entrar em conjunção com o objeto valor /identidade/, Soninha procura o reconhecimento através do post no Facebook, ao publicar uma foto sua com o turbante para seus amigos a sancionarem. Essa sanção é cognitiva, na medida em que seus seguidores percebem que ela usa o turbante e, por isso, se conjuga com o objeto valor /identidade/. Além disso, Soninha sanciona a si própria, ao utilizar a selfie e o post como tipos de espelhos, onde se vê e se admira, reconhecendo nela mesma que a performance foi feita e que ela entrou em conjunção com o objeto valor /identidade/. Além do reconhecimento, há o prêmio de ela ser elogiada pelo outro e, claro, por si mesma também – e isso caracteriza um percurso “feliz” ou “realizado” dela como sujeito social.

Diante disso, depois de cumprir a performance que se automanipula a fazer, Soninha, na modalidade veridictória do ser, atinge a “verdade”, pois, além de ser uma mulher negra, ela parece uma mulher negra, uma vez que se auto afirmou como negra diante dos outros e de si mesma ao amarrar o turbante sobre a cabeça, pois essa peça comunica uma identidade negra, como ela afirma.

Há também sanção pragmática, como dissemos, pois ela é recompensada com comentários que a elogiam pela sua beleza, pelas suas opiniões, e pelo fato de

que ela pratica o que fala. Os elogios à sua beleza e fala ajudam a construir uma imagem positiva em torno do uso do turbante por comunicarem que seu uso é aprovado pelos outros.

A cultura eurocêntrica implica um /querer ascender/ que exige um /dever se submeter/, uma vez que se submete a deixar de usar o turbante, na tentativa de ascender ao padrão de beleza hegemônico. Por outro lado, a cultura eurocêntrica concede um /saber se embranquecer/, pois faz saber que para entrar em conjunção com a /alteridade/ (branca, europeia), é preciso retirar o turbante do cotidiano.

Soninha se automanipula a /querer ascender/ e a /querer resistir/, pois, segundo ela, o uso do turbante valoriza a identidade africana (e essa também é uma forma de ascender, mas que não implica parecer com o branco/europeu) e também valoriza os atos de resistência contra a cultura eurocêntrica, ambos considerados objetos positivos que podem ser alcançados ao se portar o turbante sobre a cabeça. Além disso, ela se concede um /poder se enegrecer/ e um /saber se enegrecer/, visto que ela tem a possibilidade de se enegrecer, pois possui um turbante, e ela sabe que é o amarrando sobre a cabeça que conseguirá executar a performance prevista.

A autora do post manipula o observador a /querer ascender/ e /querer resistir/, pois ela usa seu exemplo de vida para incentivar os outros a lhe imitarem e, assim como ela, valorizarem a negritude e a resistência ao eurocentrismo. Além disso, ela concede ao observador um /saber se enegrecer/, ao lhe fazer tomar conhecimento de que pode afirmar sua identidade negra ao usar um turbante, como ela o faz na foto.

Os objetos de valor nesse post são /identidade/ e /alteridade/, aqui concretizados na figura do turbante e, por catálise, no não-turbante (uso vs. não uso), pois é com eles que os sujeitos do fazer ora entram em conjunção, ora entram em disjunção, e os quais Soninha mobiliza para manipular o observador de sua publicação.

7 NÍVEL DISCURSIVO DE ANÁLISE DO POST

Na sintaxe do nível discursivo, deve-se apreender a instauração de pessoa, espaço e tempo, ou seja, analisar se há marcas da enunciação no enunciado da manifestação da linguagem analisada. Na semântica do nível discursivo, por sua vez, apreendem-se os temas presentes no texto e as figuras que dão concretude a eles – e aos elementos abstratos dos níveis mais profundos do texto. (FIORIN, 2013).

Com relação à pessoa, tem-se uma concretização icônica: Soninha Nascimento, que fala e se mostra em primeira pessoa. Seu texto se configura como uma enunciação enunciada, pois seu olhar fixo sobre o observador e o seu nome de usuário são sinais de subjetividade que indicam quem fala, que se se coaduna com o texto verbal, quando ela usa, por exemplo, os imperativos no texto, projetando-se para o outro ao lhe dar ordens: “Turbante-se”. Com relação ao espaço, há duas marcas de enunciação referente ao lugar: primeiro, na ambientação da foto, que parece ser uma loja e remete à vida cotidiana, pois, como Soninha disse, é preciso se apropriar dos turbantes no cotidiano; segundo, há o próprio espaço virtual do Facebook. Desse modo, percebe-se que existe uma “publicação”, na rede social online, da vida cotidiana e territorializada de Soninha: concomitantemente um aqui e um agora. Por fim, com relação ao tempo, além da data de publicação, o texto mostra uma relação entre passado e presente (um agora e um então); a referência à ancestralidade alude aos negros de épocas passadas, os quais usavam turbantes antes da cultura eurocêntrica se tornar hegemônica. Como se entende pelo post, no presente, usa-se o turbante como uma forma de valorizar os que o utilizam no agora e, ao mesmo tempo, os negros e negras que o usavam no passado – relação que indica uma ciclicidade da própria prática de uso do turbante.

Dois temas ganham destaque na publicação: a “libertação”, que ocorre pelo uso do turbante como forma de se libertar das imposições da cultura eurocêntrica; e a “interatividade”, nos diálogos. Quanto à figurativização, na parte superior do post há a foto da usuária do Facebook, e seu nome: Soninha Nascimento II. Abaixo, a data de publicação e uma foto sua de busto. Sob esses elementos, está a legenda que pode ser lida na figura 1. Na foto, aparece Soninha Nascimento. Sua pele é negra. Ela sorri, olhando para a câmera, provavelmente ao tirar uma selfie. Utiliza óculos escuros. Sobre a cabeça, há um turbante amarrado, o qual é bastante colorido, com estampa de flores laranjas, com miolos verdes; algumas outras flores têm um tom azul; e partes do fundo são numa tonalidade de vinho, quase marrom. Ela é uma mulher negra que se parece com uma mulher negra, pois veste um acessório que remete a uma negritude e africanidade consideradas originárias do passado africano.

Ela está numa loja de roupas, pois se veem araras com peças de vestuário. Dessa forma, percebe-se que ela usa o turbante em seu cotidiano, como ela afirma ser necessário para a autoafirmação da identidade negra, em contraste com o uso apenas em ocasiões folclóricas que é uma das consequências da cultura eurocêntrica,

de acordo com o texto. A iluminação forte das lâmpadas de teto reforça uma noção da cotidianidade, pois não é uma foto elaborada, mas feita eventualmente, numa ação comum e não necessariamente glamourizada do cotidiano. E, por fim, a interatividade se dá pelo modo como a comunicação dialogal se dá nessa rede social específica: comentários, curtidas, emojis etc.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo visou contribuir para a compreensão dos sentidos implicados no uso do turbante, ao mostrar que sua utilização incorre uma questão identitária; nela, uma identidade negra/africana é elaborada em oposição a uma alteridade branca/europeia.

A construção da identidade negra/africana se insere dentro de uma narrativa que coloca o passado e o presente em relação mútua. O post analisado mostra uma concepção de um passado africano onde se localizam os ancestrais negros, os quais usavam o turbante e, por isso, assumiam uma identidade negra/africana positiva.

Essa identidade negra/africana da ancestralidade africana é impedida de se perpetuar, devido à construção de uma visão de mundo eurocêntrica que marginaliza e exclui o negro/africano, construindo-o como o outro do branco/europeu, sendo este último o padrão a se seguir, enquanto o outro negro/africano é tido como negativo. Usar o turbante, então, passa a ser associado ao que é exótico e seu uso fica fora de cogitação para aqueles que desejam estar de acordo com o padrão de beleza hegemônico.

No presente, a mulher negra (Soninha, autora do post) toma consciência dos prejuízos que a cultura eurocêntrica provocou à manutenção da possibilidade de existir como negra e africana, e decide não mais se submeter às imposições da hegemonia. Assim, ela repete o que a sua ancestralidade africana fez no passado, ao usar o turbante sobre sua cabeça em seu cotidiano, comportamento que nota que a cultura eurocêntrica tentou erradicar. Ela autoafirma-se como negra, então, ao repetir voluntariamente o que considera como sendo uma prática vestimentar originada no passado africano antes da colonização. Ao usar o turbante, ela intenta uma valorização positiva de si e dos que vieram antes dela, os quais tiveram sua identidade transformada em alteridade e valorada negativamente. Assim, vemos a construção de

uma temática em que o turbante exerce uma função libertadora, sendo instrumento da resistência contra aquela visão de mundo que submeteu a ancestralidade a apagar a identidade negra/africana ao excluir o uso cotidiano do mencionado acessório.

Os seguidores não são só observadores, pois os elogios à beleza de Soninha e à sua fala que reverbera no cotidiano mostram que o uso do turbante é aceito e tomado como algo de valor positivo pelos que a sancionam. Tais interações cooperam na construção da ideia de valorização da identidade negra pelo uso do turbante.

Por fim, reitera-se a importância do aporte que as teorias do texto ou do discurso podem dar às atividades de ensino, no caso de análise de imagens, como desenvolvemos no post apresentado. A semiótica, que embasou parte das análises aqui desenvolvidas, é um dos caminhos seguros, por sua metodologia (e abordagem teórica), para que possamos nos ater ao que o texto diz e, a partir disso, estabelecer as relações com outros textos, com outras temáticas sob as quais subjazem o atravessamento de discursos².

REFERÊNCIAS

- BALOGH, Anna Maria. **O discurso ficcional na TV**. São Paulo: Edusp, 2002.
- BARNARD, Malcolm. Fashion statements: communication and culture. *In*: SCAPP, Ron; SEITZ, Brian (Eds.) **Fashion Statements**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BATISTA, Isaac M. S. **O negro herói e seu traje: sentidos do consumo de vestuário pelo movimento da negritude na contemporaneidade**. Programa de Pós-graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social da Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2019. Disponível em: <<http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede/handle/tede2/8243>>.
- DOMINGUES, P. Movimento da negritude. **Mediações**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2005.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MANSFIELD, Eric. **La symbolique du regard**. Paris: Publibook, 2009.

Submetido em:31/10/2020
Aprovado em: 07/01/2021

² Revisor Gramatical: Marcelo Machado Martins. Mestre e Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela USP. Especialista em Língua Portuguesa pela USJT. Licenciado em Letras Português/Inglês pela UNIP. E-mail: machadomartins@yahoo.com.br.